Revista Científica Brasileira de Saúde e Medicina (RBMED)
(Brazilian Scientific Journal of Health and Medicine) ISSN-e 3086-2477
V.1. N. 1 | 2026

Língua portuguesa em Angola: memória discursiva, colonialidade e multilinguismo nas marcas do português angolano na imprensa escrita nacional

Portuguese language in Angola: discursive memory, coloniality and multilingualism in the marks of Angolan Portuguese in the national written press

Lengua portuguesa en Angola: memoria discursiva, colonialidad y multilingüismo en las marcas del portugués angoleño en la prensa escrita nacional

Albino Hitotonanye
email-albinohitotonanye@gmail.com

Resumo

O presente estudo analisa as marcas do português angolano na imprensa escrita nacional, identificando os processos discursivos, históricos e sociolinguísticos que contribuem para a construção da sua identidade linguística. A investigação parte da compreensão de que o português em Angola resulta da interação entre a herança colonial, as línguas nacionais e as dinâmicas socioculturais contemporâneas. O trabalho fundamenta-se nos pressupostos da Análise do Discurso materialista de base pêcheutiana, da Sociolinguística Variacionista e dos estudos sobre colonialidade linguística. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica com análise documental, tendo como corpus os textos publicados em jornais angolanos. Os resultados evidenciam a presença de marcas lexicais e discursivas que revelam processos de memória histórica, de multilinguismo e de afirmação identitária no contexto angolano.

Palavras-chave: Colonialidade; Imprensa escrita; Memória discursiva; Multilinguismo; Português angolano.

Abstract

This study analyzes the features of Angolan Portuguese in the national written press, identifying the discursive, historical, and sociolinguistic processes that contribute to the construction of its linguistic identity. The research is based on the understanding that Portuguese in Angola results from the interaction between the colonial heritage, national languages, and contemporary sociocultural dynamics. The study is grounded in the assumptions of Pêcheux's materialist Discourse Analysis, Variationist Sociolinguistics, and studies on linguistic coloniality. Methodologically, it consists of a bibliographic study combined with documentary analysis, using texts published in Angolan newspapers as its corpus. The findings reveal lexical and discursive features that reflect processes of historical memory, multilingualism, and identity affirmation in the Angolan context.

Keywords: Coloniality; Written Press; Discursive Memory; Multilingualism; Angolan Portuguese.

Considerações Iniciais

A língua portuguesa ocupa uma posição de destaque na realidade sociolinguística angolana, constituindo-se como língua oficial do Estado e como principal meio de comunicação entre os diversos grupos etnolinguísticos existentes no país. Todavia, a sua realização em Angola não ocorre de forma homogénea, pois resulta de um longo processo histórico marcado pela colonização portuguesa, pela convivência com as línguas locais de origem africana e pelas transformações sociais ocorridas após a independência.

Neste contexto, a imprensa escrita nacional apresenta-se como um espaço privilegiado para observar a dinâmica da língua portuguesa em Angola, uma vez que nela se manifestam diferentes formas de construção discursiva, marcas da memória histórica e elementos linguísticos provenientes da diversidade cultural e linguística angolana.

A Constituição da República de Angola (ANGOLA, 2010)**,** no seu Artigo 19.º, estabelece o português como língua oficial da República de Angola, ao mesmo tempo que reconhece a importância das demais línguas angolanas e determina que o Estado promova o seu estudo, ensino e utilização.

Por sua vez, a Lei n.º 1/17, de 23 de janeiro (Lei de Imprensa) (ANGOLA, 2017)**,** nos seus Artigos 1.º e 5.º, garante a liberdade de imprensa e o livre exercício da actividade jornalística, criando condições para que os órgãos de comunicação social actuem como espaços de produção, circulação e reprodução de discursos. É neste cenário que se torna pertinente analisar as marcas do português angolano presentes na imprensa escrita nacional, particularmente aquelas que evidenciam processos de memória discursiva, de colonialidade e de multilinguismo.

A problemática que justifica a realização deste estudo reside na necessidade de compreender como os jornais angolanos incorporam, reproduzem ou ressignificam elementos linguísticos e discursivos herdados do período colonial, bem como as influências provenientes das línguas angolanas.

Deste modo, o presente estudo, intitulado "Língua Portuguesa em Angola: memória discursiva, colonialidade e multilinguismo nas marcas do português angolano na imprensa escrita nacional", tem como objetivo geral analisar as marcas do português angolano na imprensa escrita nacional, identificando os processos discursivos, históricos e sociolinguísticos que contribuem para a construção da sua identidade linguística.

Com este exercício investigativo, pretende-se contribuir para os estudos da língua portuguesa em Angola, da Análise do Discurso e da Sociolinguística, oferecendo subsídios teóricos e analíticos para a compreensão das particularidades do português angolano e de como este se manifesta nos meios de comunicação escritos. Pretende-se igualmente fomentar a reflexão sobre a relação entre língua, identidade, memória histórica e diversidade cultural na sociedade angolana contemporânea.

Desenvolvido numa perspectiva predominantemente qualitativa, com recurso à pesquisa bibliográfica e documental, o presente estudo divide-se em duas partes. Na primeira, correspondente à fundamentação teórica, procede-se à abordagem dos conceitos centrais

relacionados com a língua portuguesa em Angola, a memória discursiva, a colonialidade, o multilinguismo e a imprensa escrita. Na segunda parte, dedicada aos resultados e à discussão, realiza-se a análise do corpus constituído por textos da imprensa escrita nacional, identificando as principais marcas linguísticas e discursivas do português angolano presentes nos jornais selecionados.

Por fim, reconhece-se que a pertinência e a complexidade da temática impedem o seu esgotamento numa única investigação. Assim, este estudo não pretende apresentar conclusões definitivas sobre o fenómeno analisado, mas sim constituir um contributo académico para o aprofundamento das discussões em torno da língua portuguesa em Angola, das suas especificidades discursivas e da sua relação com os processos históricos, culturais e sociolinguísticos que moldam a realidade nacional.

Nesta perspectiva, procura-se compreender de que forma as marcas do português angolano presentes na imprensa escrita contribuem para a construção e afirmação da identidade linguística angolana, bem como para a consolidação do português angolano enquanto variante dinâmica e em constante transformação.

Parte I: Fundamentação Teórica

1.1- Língua Portuguesa em Angola: Contexto Histórico, Social e Linguístico

A presença da língua portuguesa em Angola está intrinsecamente ligada ao processo de colonização iniciado no século XV, tendo a sua difusão sido intensificada ao longo da ocupação colonial portuguesa por intermédio da administração, da evangelização, da escolarização e das estruturas políticas instituídas pelo poder colonial. Neste contexto, a língua portuguesa deixou de ser apenas um instrumento de comunicação da metrópole para assumir progressivamente o estatuto de língua de prestígio social e de acesso às estruturas formais do Estado.

Conforme observa Mariani (2004), os processos de colonização linguística envolvem mecanismos de imposição simbólica que vão além da mera difusão de uma língua, influenciando as formas de pensar, representar e interpretar a realidade. Em Angola, tais processos contribuíram para a constituição de um espaço linguístico marcado pela coexistência entre o português e as diversas línguas nacionais, gerando dinâmicas socioculturais que permanecem visíveis na contemporaneidade.

Após a independência nacional, proclamada a 11 de novembro de 1975, a língua portuguesa foi mantida como língua oficial da República de Angola, desempenhando um papel

fundamental na construção da unidade nacional num país caracterizado por uma significativa diversidade etnolinguística. Todavia, o português falado em Angola passou a desenvolver características próprias, resultantes do contacto permanente com as línguas bantu, como o kimbundu, o umbundu, o kikongo, o cokwe, o kwanyama, o nhaneka, entre outras línguas nacionais.

Estudos realizados por Gaspar (2015) demonstram que o português falado em Angola apresenta particularidades fonéticas, lexicais, morfossintácticas e semânticas que o distinguem tanto do português europeu como do português brasileiro. Essas especificidades evidenciam a emergência de uma variedade linguística própria, construída historicamente através do contacto entre diferentes comunidades linguísticas e das transformações sociais verificadas no país ao longo das últimas décadas.

"Do ponto de vista sociolinguístico e discursivo, a língua portuguesa em Angola deve ser compreendida como uma prática social atravessada por relações históricas, ideológicas e culturais; as línguas encontram-se em processo permanente de variação e mudança, sendo moldadas pelos contextos sociais em que são utilizadas. Nesta perspectiva, o português angolano configura-se como resultado das interacções entre diferentes grupos sociais e das condições históricas que caracterizam a sociedade angolana" (Labov, 2008, p. 89).

Por sua vez, Pêcheux (2009) e Orlandi (2007, 2012) defendem que os discursos são produzidos a partir de memórias históricas e de formações ideológicas que influenciam os sentidos atribuídos às palavras. Assim, a análise da língua portuguesa em Angola exige considerar não apenas os seus aspectos estruturais, mas também os processos discursivos que revelam marcas da memória colonial, da construção identitária e do multilinguismo, especialmente nos espaços de circulação de discursos, como a imprensa escrita nacional.

1.2- Colonização Linguística e a Formação do Português em Angola

A formação da língua portuguesa em Angola não pode ser compreendida dissociada do processo de colonização linguística implementado pela administração portuguesa ao longo de vários séculos. Mais do que um simples meio de comunicação, a língua portuguesa constituiu um instrumento de poder político, administrativo e cultural, utilizado para consolidar a presença colonial e promover determinados modelos de organização social e de produção de conhecimento. Nesse contexto, a difusão do português ocorreu paralelamente à marginalização

das línguas africanas, frequentemente excluídas dos espaços formais de ensino, de administração e de mobilidade social.

Conforme assinala Orlandi (2007), os processos de institucionalização de uma língua produzem simultaneamente mecanismos de visibilidade e de silenciamento, determinando quais vozes, saberes e formas de expressão adquirem legitimidade social. Em Angola, embora a política colonial tenha privilegiado a língua portuguesa como símbolo de integração no universo colonial, o contacto permanente com as línguas nacionais impediu a constituição de um modelo linguístico homogéneo, o que originou formas particulares de apropriação e ressignificação da língua.

Deste processo histórico emergiu o português angolano, uma variedade linguística marcada por influências decorrentes das realidades culturais, sociais e linguísticas locais. Silva et al. (2021) demonstram que o português falado em Angola apresenta especificidades lexicais, sintácticas, semânticas e pragmáticas decorrentes da interação contínua entre o português e as línguas bantu faladas no território nacional.

Sob a perspectiva discursiva, Pêcheux (2009) sustenta que os sentidos produzidos pela linguagem são atravessados pela história e pela ideologia, razão pela qual a língua não pode ser analisada apenas como um sistema formal. Assim, o português angolano revela, na sua constituição, marcas de memórias históricas associadas à experiência colonial e pós-colonial, evidenciando processos de resistência, adaptação e reconstrução identitária que continuam a manifestar-se nos diferentes espaços de realização da língua, incluindo a imprensa escrita nacional.

1.3- A Revolução da Gramatização e os Instrumentos Linguísticos

O conceito de revolução da gramatização, desenvolvido por Sylvain Auroux, refere-se ao processo histórico por meio do qual as línguas passam a ser descritas, codificadas e difundidas através de instrumentos linguísticos, nomeadamente gramáticas, dicionários, vocabulários e manuais de ensino, esses instrumentos não constituem apenas mecanismos técnicos de descrição da língua, mas também dispositivos de poder e de organização social, responsáveis pela definição de normas linguísticas e pela legitimação de determinadas formas de uso em detrimento de outras.

Neste sentido, a gramatização desempenha um papel fundamental na constituição das línguas nacionais modernas, uma vez que contribui para a padronização linguística e para a construção

de comunidades imaginadas que partilham a mesma referência linguística e cultural. A língua portuguesa não ficou à margem desse processo, tendo a sua expansão para os territórios colonizados sido acompanhada pela circulação de gramáticas, dicionários e modelos normativos que procuravam uniformizar o seu uso (Anderson, 2008, p. 39).

No contexto angolano, os instrumentos linguísticos desempenharam um papel relevante na difusão da língua portuguesa e na consolidação da sua posição como língua oficial e de escolarização. Contudo, a realidade sociolinguística do país, marcada pela coexistência entre o português e diversas línguas nacionais, produziu dinâmicas que ultrapassam os limites da norma-padrão tradicional de base europeia. Dados divulgados pela imprensa nacional indicam que milhões de angolanos continuam a utilizar regularmente as línguas nacionais nos mais diversos contextos de comunicação, evidenciando a persistência de um quadro multilingue que influencia a configuração do português falado no país (ANGONOTÍCIAS, 2016).

Nesta perspectiva, a normatização da língua portuguesa em Angola não pode ser analisada de forma isolada, mas sim em articulação com os processos históricos de contacto linguístico e com as especificidades culturais da sociedade angolana. Conforme observam Silva, Sassuco e Undolo (2021), o português de Angola apresenta características próprias que resultam da interacção permanente entre diferentes sistemas linguísticos e culturais.

A discussão em torno dos instrumentos linguísticos assume igualmente relevância no debate contemporâneo sobre a identidade linguística e a política da língua em Angola. As reflexões produzidas pela Academia Angolana de Letras acerca do Novo Acordo Ortográfico evidenciam que as questões relacionadas com a norma escrita transcendem o domínio estritamente linguístico, envolvendo também aspectos históricos, culturais e identitários. Nesta perspectiva, a língua constitui um espaço de negociação simbólica no qual se confrontam diferentes concepções de identidade nacional e de pertença cultural.

Como destaca Ayoh'Omidire (2012), os processos de construção identitária nos espaços pós-coloniais africanos estão profundamente ligados às práticas discursivas e linguísticas que moldam as representações coletivas. Assim, a análise da revolução da gramatização e dos instrumentos linguísticos permite compreender não apenas os mecanismos de normatização do português, mas também os processos pelos quais a língua participa da construção das identidades sociais e culturais em Angola.

1.4- O Português Angolano e a Construção da Identidade Linguística Nacional

Nos tempos atuais, a discussão sobre o português angolano tem ocupado um lugar de destaque nos estudos linguísticos desenvolvidos por investigadores angolanos e africanos, sobretudo devido ao papel que a língua desempenha na construção da identidade nacional. Em Angola, o português deixou de ser visto apenas como herança do período colonial para se afirmar como uma língua apropriada e transformada pelos seus falantes, incorporando elementos provenientes das línguas nacionais e das experiências socioculturais do país.

Amélia Mingas (2000) destaca que o contacto permanente entre o português e as línguas bantu originou fenómenos de interferência linguística que contribuíram para a configuração de uma variedade angolana do português. Na mesma linha, José Domingos Pedro (2018) defende que a evolução do português em Angola resulta da convivência histórica entre diferentes comunidades linguísticas, o que produz formas de expressão que reflectem a realidade cultural angolana.

Por sua vez, Gaspar (2015) observa que a expansão crescente do português como língua materna de grande parte da população urbana tem favorecido a consolidação de características linguísticas próprias, distinguindo progressivamente o português angolano de outras variedades da língua portuguesa.

"A construção da identidade linguística nacional manifesta-se igualmente através do reconhecimento académico e social das especificidades do português falado em Angola. Estudos desenvolvidos por Undolo" (2015, p. 68),

Segundo Soquessa (2017), as particularidades observadas no léxico, na sintaxe, na fonética e nas práticas discursivas da língua não devem ser interpretadas como desvios da norma, mas como evidências de uma variedade linguística em processo de afirmação.

Alexandre Timbane (2013), ao analisar os processos de variação e mudança nas variedades africanas do português, argumenta que a língua é moldada pelas realidades socioculturais dos seus falantes, razão pela qual as variedades africanas devem ser compreendidas como expressões legítimas da diversidade linguística da lusofonia.

Nesta perspectiva, o português angolano constitui simultaneamente um instrumento de comunicação, um património cultural e um marcador identitário, por meio do qual se expressam as memórias históricas, os valores sociais e as múltiplas experiências que caracterizam a sociedade angolana contemporânea.

A crescente presença do português angolano nos meios de comunicação social, na literatura, na música e em outros espaços de produção cultural demonstra a sua importância na afirmação da identidade nacional e na valorização das especificidades linguísticas do país.

Parte II: Resultados e Discussão

2.1- Caracterização do Corpus: A Imprensa Escrita Angolana como Objecto de Estudo

O corpus desta investigação é constituído por textos publicados em jornais angolanos de circulação nacional, selecionados por apresentarem conteúdos representativos da prática contemporânea da língua portuguesa em Angola. A escolha da imprensa escrita como objecto de estudo justifica-se pelo facto de os jornais constituírem espaços privilegiados de produção, circulação e difusão de discursos, permitindo observar como a língua portuguesa é realizada em diferentes contextos comunicativos.

Além disso, a imprensa desempenha um papel relevante na formação da opinião pública e na construção de representações sociais, reflectindo aspectos históricos, culturais e linguísticos da sociedade angolana. Neste contexto, a análise dos textos jornalísticos possibilita identificar marcas do português angolano, bem como processos discursivos relacionados com a memória histórica, a colonialidade e o multilinguismo. Conforme estabelece o Artigo 19.º da Constituição da República de Angola, o português é a língua oficial do país, coexistindo com as demais línguas nacionais cuja valorização e promoção são igualmente asseguradas pelo Estado.

A seleção da imprensa escrita como corpus encontra igualmente fundamento no enquadramento jurídico da comunicação social em Angola. A Lei n.º 1/17, de 23 de janeiro (Lei de Imprensa), determina, no seu Artigo 1.º, que a actividade jornalística rege-se pelos princípios orientadores da comunicação social, enquanto o Artigo 5.º garante a liberdade de informar, informar-se e ser informado através do livre exercício da actividade de imprensa, sem censura prévia nem discriminação.

Estas garantias conferem aos órgãos de comunicação social condições para a produção e circulação de discursos que expressam diferentes posicionamentos, práticas linguísticas e formas de representação da realidade social. Nessa perspectiva, os jornais angolanos constituem uma fonte relevante para a análise das particularidades do português angolano, uma vez que permitem observar a presença de elementos lexicais, discursivos e culturais que contribuem para a construção da identidade linguística nacional (Orlandi, 2012).

2.2- Procedimentos Metodológicos da Análise Discursiva dos Jornais Seleccionados

A análise do corpus foi desenvolvida a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, particularmente das contribuições de Michel Pêcheux e Eni Orlandi. Esta perspectiva compreende o discurso como um fenómeno histórico e socialmente situado, cujos sentidos são produzidos nas relações entre língua, sujeito, ideologia e contexto histórico. Assim, os textos jornalísticos seleccionados não foram analisados apenas sob o ponto de vista linguístico, mas também enquanto materialidades discursivas atravessadas por memórias sociais, formações ideológicas e processos de significação que caracterizam a sociedade angolana (Orlandi, 2012).

Para Pêcheux (2009), a escolha desta abordagem justifica-se pela sua capacidade de evidenciar os mecanismos pelos quais os discursos jornalísticos produzem sentidos sobre a língua, a identidade nacional e as relações socioculturais presentes no contexto jornalístico angolano.

Metodologicamente, procedeu-se à seleção de notícias publicadas em jornais angolanos de circulação nacional, privilegiando textos que apresentassem ocorrências linguísticas representativas do português angolano. Posteriormente, realizaram-se a identificação e a interpretação de unidades lexicais, expressões discursivas e construções linguísticas recorrentes, com o objetivo de compreender as condições históricas e sociais que favorecem a sua produção e circulação.

De acordo com Orlandi (2012), a análise discursiva não se limita à descrição formal dos enunciados, mas busca compreender os efeitos de sentido produzidos em determinadas condições de produção. Neste sentido, a investigação concentrou-se na identificação de marcas discursivas relacionadas com a memória histórica, o multilinguismo e a construção da identidade linguística angolana presentes nos textos jornalísticos analisados.

2.3- Marcas Lexicais do Português Angolano na Imprensa Escrita

As marcas lexicais constituem um dos elementos mais visíveis da especificidade do português angolano, revelando a influência das línguas nacionais e das experiências socioculturais que caracterizam a sociedade angolana. No contexto da imprensa escrita, é frequente a ocorrência de vocábulos como kandengue, ginguba, zungueira, cubico, entre outros, que, embora possuam ampla circulação no território nacional, não pertencem ao léxico tradicional da norma europeia

do português. Segundo Mingas (2000), o contacto prolongado entre o português e as línguas bantu faladas em Angola favoreceu a incorporação de numerosos elementos lexicais ao português angolano, fenómeno que contribui para a construção de uma identidade linguística própria. Estas unidades lexicais desempenham não apenas uma função comunicativa, mas também um papel simbólico na representação das realidades culturais e sociais do país.

A presença dessas formas lexicais na imprensa escrita demonstra que os órgãos de comunicação social participam ativamente na difusão e na legitimação do português angolano enquanto variedade linguística. Estudos realizados por Soquessa (2017) e Undolo (2015) evidenciam que muitas dessas ocorrências reflectem processos de adaptação e inovação linguística decorrentes da convivência entre diferentes sistemas linguísticos.

Sob a perspectiva sociolinguística, Labov (2008) destaca que a variação linguística constitui uma característica inerente a todas as línguas naturais, influenciada por factores históricos, sociais e culturais. Assim, as marcas lexicais observadas nos jornais angolanos não devem ser entendidas como desvios em relação à norma, mas como manifestações legítimas da evolução do português em Angola e da sua capacidade de representar as especificidades da experiência sociocultural angolana.

2.4- Marcas do Português Angolano na Imprensa Escrita Nacional

A análise preliminar do corpus evidencia a presença de unidades lexicais e expressões características do português angolano que refletem a influência das línguas nacionais e das especificidades socioculturais do país. Entre os exemplos identificados, destaca-se o vocábulo kandengue, presente na manchete "apoio aos Kandengues Cientistas", termo amplamente utilizado em Angola para designar crianças ou jovens.

A utilização desta unidade lexical num texto jornalístico evidencia a incorporação de elementos linguísticos de origem africana no discurso mediático, contribuindo para a construção de uma identidade linguística própria.

Outro exemplo significativo encontra-se na notícia sobre a produção agrícola da Ambuíla, na qual surge o termo ginguba, vocábulo de origem bantu utilizado em Angola para designar o amendoim. A recorrência desta palavra nos jornais nacionais evidencia a valorização de elementos lexicais locais e a sua legitimação pelos meios de comunicação social.

Por sua vez, expressões como zungueira, observada na manchete "Polícia mata (mais) uma zungueira", remetem a realidades sociais tipicamente angolanas. O termo designa mulheres que

exercem o comércio informal ambulante e constitui uma marca lexical fortemente associada ao contexto económico e cultural do país. A presença desta palavra na imprensa revela a apropriação de conceitos locais pelo discurso jornalístico.

Além das marcas lexicais, os textos analisados permitem identificar processos de memória discursiva relacionados com a história política e social angolana. As referências a partidos políticos, órgãos de comunicação social estatais e debates parlamentares demonstram a circulação de discursos historicamente construídos no contexto pós-colonial angolano, contribuindo para a produção de sentidos que ultrapassam o conteúdo imediato das notícias.

Deste modo, a imprensa escrita nacional apresenta-se como um espaço privilegiado para observar a consolidação do português angolano, evidenciando a coexistência entre a norma do português, as influências das línguas nacionais e as particularidades culturais que caracterizam a sociedade angolana contemporânea.

Tabela 1- Palavras do seu corpus que podem ser analisadas

Palavra	Possível análise
Kandengue	Influência das línguas bantu; identidade cultural angolana
Ginguba	Africanismo lexical incorporado ao português angolano
Zungueira	Léxico sociocultural angolano
Chumbar (no sentido político)	Uso semântico recorrente na imprensa angolana
Acenar mercado	Construção frequente no discurso económico local
Órgãos de comunicação social estatal	Memória discursiva política e institucional

Fontes:
https://www.opais.ao/economia/ambuila-acena-mercado-nacional-com-aposta-na-producao-em-grandeescala-da-ginguba-e-arroz/ https://www.angop.ao/noticias/politica/an-chumba-voto-de-protesto-a-comunicacao-social/ https://noticiasdeangola.co.ao/crispiniano-dos-santos-garante-apoio-aos-kandengues-cientistas-de-viana/ https://jornalf8.net/2022/policia-mata-mais-uma-zungueira/

Considerações finais

A presente investigação permitiu compreender que a língua portuguesa em Angola constitui uma realidade linguística complexa, resultante de processos históricos, sociais e culturais que ultrapassam a sua condição de língua oficial do Estado. A análise desenvolvida evidenciou que o português utilizado na imprensa escrita nacional apresenta características próprias, construídas a partir do contacto permanente com as línguas nacionais angolanas e das transformações ocorridas ao longo da história do país. Neste entendimento, a imprensa revelou-se um espaço privilegiado para a observação das dinâmicas linguísticas e discursivas que caracterizam o português angolano contemporâneo.

Os resultados da análise demonstraram que as marcas lexicais, discursivas e culturais presentes nos textos jornalísticos constituem importantes indicadores da construção de uma identidade linguística angolana. Termos e expressões amplamente utilizados na realidade nacional evidenciam a influência das línguas bantu e das experiências socioculturais locais na configuração do português angolano. Tais ocorrências confirmam que a língua está em processo permanente de transformação, acompanhando as mudanças sociais e as necessidades comunicativas de seus falantes.

Verificou-se igualmente que os discursos produzidos pela imprensa escrita conservam vestígios da memória histórica associada ao período colonial, ao mesmo tempo em que expressam processos de ressignificação e de apropriação linguística próprios do contexto pós-colonial angolano. Assim, a colonialidade manifesta-se não apenas pela herança da língua portuguesa, mas também nas formas de produção e circulação dos sentidos que atravessam os discursos jornalísticos. Contudo, a análise permitiu constatar que os falantes e os meios de comunicação participam activamente na reconstrução desses sentidos, adaptando-os às realidades culturais e identitárias de Angola.

O estudo permitiu ainda constatar que o multilinguismo constitui uma das características fundamentais da sociedade angolana e influencia significativamente o português utilizado nos meios de comunicação social.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANGONOTÍCIAS. Mais de sete milhões de angolanos falam línguas nacionais. 28 mar. 2016. Disponível em: http://www.angonoticias.com/Artigos/item/50225/mais-de-sete-milhoes-deangolanos-falam-linguas-nacionais. Acesso em: 8 jan. 2018.
AUROUX, Sylvain. A revolução tecnológica da gramatização. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
GASPAR, S. I. N. F. A língua portuguesa em Angola. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.
LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
MARIANI, Bethania. Colonização linguística: línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII). Campinas: Pontes, 2004.
MINGAS, Amélia Arlete. Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda. Luanda: Chá de Caxinde, 2000.
ORLANDI, Eni Pulcinelli. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas:
Editora da UNICAMP, 2007.
ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012.
PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.
SILVA, A. A. T.; SASSUCO, D. P.; UNDOLO, M. E. S. (org.). O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino. Redenção: UNILAB, 2021.
SOQUESSA, N. V. M. Contributos para a caracterização do português de Angola: clíticos em contraste com o PE e o PB. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Évora, Évora, 2017.
UNDOLO, M. E. S. Caracterização da norma do português em Angola. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade de Évora, Évora, 2015.

LEGISLAÇÃO
ANGOLA. Constituição da República de Angola. Luanda: Imprensa Nacional, 2010.
ANGOLA. Lei n.º 1/17, de 23 de janeiro de 2017. Lei de Imprensa. Diário da República, Luanda, I Série, n. 12, 23 jan. 2017.